

AS AGBs DA AGB DE UM AGBEANO

Tom Adamenas e Pires
Geógrafo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo
(FFLCH/USP)
tom.pires@outlook.com

ANTUNES, Charles da França. *A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações: notas de uma história*. Tese de Doutorado. Niterói : UFF, 2008.

Há um sentido desafiador, por vezes ingrato, no exercício de escavar e escrever sobre o trabalho do Outro. A voz, se não oculta, ao menos sussurrada de maneira espasmada em tempos e espaços irregulares, esgrima com a certeza de se ter alcançado o todo. Entender as respostas dadas a perguntas que talvez nem tenham sido feitas esbarra nos limites de nossas próprias intenções. Citando George Orwell e o forjar do passado, é Mariana Lamego¹ quem nos reforça a importância de procurar justamente os impulsos motores de uma história. E é na bruma do cotidiano, das necessidades e finalidades, do não dito e do que está de fato impresso que gastamos nossas horas e retinas.

É da tese de doutoramento de Charles da França Antunes, intitulada *A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações: notas de uma história*, que trataremos aqui. Defendida no ano de 2008 na Universidade Federal Fluminense e orientada por ninguém menos que Ruy Moreira, pretendeu, nas palavras do próprio autor, “propor uma profunda mudança nos modos de olhar a AGB [...] e perceber seu papel na formação profissional, sua importância na elaboração e disseminação de ideias da/ciência geográfica no Brasil”², analisando para esse fim a história da Associação desde sua fundação, em 1934, até o ano de 1979. Sobre atingir a meta, precisaremos ainda criar um maior manto de serrapilheira antes de desanuviar-lo. Quanto à escolha do objeto, há uma multiplicidade de pertinências destacáveis. Tratemos rapidamente do que nos parece mais imediato. Charles é membro do corpo editorial da Revista Fluminense de Geografia desde 2002 – ano seguinte à defesa de sua dissertação de mestrado pela mesma Universidade e orientação já apontados – e da Revista Terra Livre desde 2010. Ambos os periódicos estão vinculados à AGB, sendo o primeiro editado pela seção Niterói e o segundo uma publicação da Diretoria Executiva

¹ LAMEGO, M. 2013.

² ANTUNES, C. F. 2008, p. 19.

Building the way

Nacional. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida por alguém imerso no seio cotidiano da Associação. Não menos importante é a atuação de Charles, na condição de professor adjunto, no quadro docente da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, desde 2002.

O título do trabalho em tela já nos traz mais do que indícios da estrutura da tese, mas o próprio sumário: Origens, Idéias e Transformações. Partes um, dois e três. Antes disso, uma introdução nos aponta justificativas e métodos. Nestas primeiras páginas Charles Antunes imerge diretamente no entendimento de que há um vácuo na produção científica geográfica nacional, diretamente relacionada ao temário da história do pensamento geográfico brasileiro e, dentro desse, menos explorada ainda é a história de uma de suas mais importantes associações: a AGB. E sendo este um tema negligenciado, de menor importância seria também o papel da Associação na construção do corpo científico geográfico no Brasil. Na contramão dessa suposição, vem a relevância reivindicada da tese: a AGB importa.

Ao dar início ao trato epistêmico e metodológico de sua pesquisa, Antunes lança mão de dois argumentos antes de reivindicar a nova historiografia como campo de atuação. Um ponto que levanta é o da subestimação da participação das instituições científicas na construção do corpo de saberes em um determinado contexto. Segue a este apontamento uma crítica à história da ciência baseada nos paradigmas de Thomas Kuhn³, indicando assim a busca de uma prática historiográfica que leve em consideração um conjunto maior e contextualizado de fatos e argumentos.

Contudo, após estes direcionamentos teóricos, o autor reivindica Pierre Bourdieu num sentido internalista do fazer científico, associando a legitimidade do saber às instituições que o pronunciam⁴.

Há, ainda na introdução do trabalho, um estranhamento que de certo modo nos acompanhará ao longo de toda a obra, onde o anseio crítico de Antunes – nítido na terceira parte do trabalho – se confunde com um aporte hora basalliano⁵, hora com um descolamento irrecuperável do propósito da tese. Mas a isto voltaremos com calma.

A estrutura do trabalho que discorreremos a seguir dará conta, de modo esquemático, das origens e contexto de criação da Associação, na primeira parte; das ideias

³ KUHN, T. 1996.

⁴ ANTUNES, C. F. 2008, p. 22.

⁵ Estamos considerando aqui a historiografia científica proposta por George Basalla em seu *The spread of western Science*, de 1967, onde centraliza na Europa Central a raiz e o modelo a ser seguido da ciência moderna.

Building the way

articuladas no interior da produção bibliográfica oriunda da AGB no período, na parte dois; e a terceira e última parte dará conta da cronologia das transformações estruturais da AGB, através de suas reformas estatutárias. A investigação é feita através de documentos da própria associação, como atas, boletins e outros impressos, além de depoimentos e apontamentos de terceiros sobre as dinâmicas e histórias da AGB.

Ao longo de 65 páginas, Charlles Antunes escava as origens da Associação dos Geógrafos Brasileiros. O faz inicialmente contextualizando o ambiente científico que se construía no Brasil. Se de um lado nosso autor em pauta salienta a existência de instituições geográficas em solo nacional desde 1838 com a fundação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, do outro afirma que para esta pesquisa a produção anterior a década de 1930 pouco importa, pois seria aquela de cunho imperialista e coadunada com um projeto específico de Estado-nação que a ciência de 1930 em diante viria modernizar⁶ com o surgimento de instituições como a Universidade de São Paulo, a Universidade do Distrito Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, bem como a própria Associação dos Geógrafos Brasileiros. É, contudo, o próprio Caio Prado Júnior – um dos quatro membros fundadores da AGB, ao lado de Pierre Deffontaines, Luís Flores de Moraes Rego e Rubens Borba de Moraes – quem nos indicará um primeiro “porém” neste ímpeto em abdicar da relevância da prática científica anterior à 1934. Para Caio Prado Junior, nos diz Manoel Seabra⁷, a AGB deveria cumprir justamente a função de catalisar, tornar orgânicas e divulgar as pesquisas geográficas que vinham sendo feitas até aquele momento, que eram de enorme riqueza, mas desconhecidas do público geral. Inserimos aqui ainda o inquietamento quanto a atribuição da raiz moderna da ciência brasileira no fluxo acadêmico francófono em direção ao Brasil. Não se trata de negar a importância das missões europeias em território brasileiro entre os anos 1920 e 1930, mas de questionar o difusionismo de uma dita ciência moderna *mainstream* que só faz dar eco à visão eurocentrista basalliana, negadora das singularidades e particularidades do saber que esteja além destes grilhões laboratoriais.

É particularmente relevante neste momento apontar a ideia de *Sentido da Colonização*, também de Caio Prado Junior, para a qual o desenvolvimento econômico

⁶ Sobre a ideia de modernidade, salientamos o disposto por Odette Seabra em sua tese de livre docência: “Modernidade é uma noção usada para expressar atualizações, a qualquer pretexto. São atualizações relativas a estruturas materiais ligadas aos modos de consumo cotidiano, como por exemplo um shopping; ou ligadas a comportamentos psicológicos. De todo modo, quer sempre indicar a direção de algo novo. [...] Modernizar não necessariamente desenvolvia os países pobres”. (SEABRA, 2004, p. 8).

⁷ HEIDEMANN, H. D. ; IUMATTI, P. ; SEABRA, M. 2008, p. 89-90.

Building the way

brasileiro está diretamente vinculado ao projeto de exploração mercantil colonialista português, consideração relevante ainda que tratando da consolidação industrial em São Paulo, forjadora da burguesia que impulsionara a fundação da USP, dentro de um quadro político de disputa justamente entre distintos projetos de Estado-nacional no momento em que Getúlio Vargas assumia a presidência. Se Antunes pontua esta questão, o faz de maneira quase silenciosa e apenas descritiva em dois parágrafos desta primeira parte. Indo mais longe, poderia se problematizar também a filiação de Caio Prado ao PCB; a substituição de Pierre Deffonteines por Pierre Monbeig à frente da AGB em 1935 e a posterior articulação deste para dificultar o retorno de Deffonteines à São Paulo em 1936, em decorrência de discordâncias religiosas e da posição do mesmo em relação à guerra civil espanhola; a AGB como fruto justamente da criação do curso de História e Geografia na USP em 1934 e do círculo de afinidades formado durante os trabalhos de campo de Pierre Deffonteines; a direção positivista que dava a tônica da ciência produzida no Brasil tanto antes quanto depois da fundação da USP e da AGB. O que se depreende da insistência do autor da tese em afastar a fundação da AGB daquilo que Bruno Latour chamaria de *rede de atores*⁸, é a necessidade de imacular este momento histórico, alicerçando em tons romanescos o dever da importância da Associação.

Ao final da primeira parte de sua tese, Charles Antunes apresenta os esforços de Nilo Bernardes, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e Paulo César Scarim na periodização da história da Associação para, enfim, afirmar que sua proposta “será apresentada ao final desse trabalho”.

A segunda parte do trabalho de Charles, guiada pela tônica da importância das publicações de divulgação científica para que se tome conhecimento das ideias e debates internos à determinada comunidade científica, além de servirem como instrumentos de afirmação e legitimação da existência de um campo do conhecimento, pauta-se no disposto no texto *Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas Científicas*, de Horácio Capel, publicado em 1989. Entendendo que a extensão numérica das publicações da AGB no período tratado pela tese reflete a vitalidade da Associação, nosso autor fará um mergulho longo, porém pouco profundo, pelo universo dos boletins, anais e revistas atreladas a AGB por todo o país. Voltará a superfície com algumas estatísticas, um número um pouco maior de listas, uma porção de micro resenhas não críticas, mas sem apresentar algo de realmente novo ao front.

⁸ LATOUR, B. 2000.

Building the way

Chegamos, enfim, à terceira parte da tese, *Transformações*, onde Charlles da França Antunes reivindica o ineditismo de seu trabalho e nos brinda com pouco, se desconsideradas as três últimas subseções do texto, dedicadas a replicar partes do já disposto em sua dissertação de mestrado⁹, reproduzidas ainda na forma de artigo por duas vezes, uma delas inclusive sem alteração textual em relação à tese¹⁰. De modo a não padecermos de completa injustiça, é na modéstia do próprio Charlles que encontramos nossa salvaguarda, quando ele diz ser sua tese “apenas mais uma tentativa de compreender a história da AGB, seus processos, convergências e rupturas”¹¹.

Esta terceira parte da obra trabalha a ideia das transformações internas da AGB através de sua reinauguração a cada novo estatuto. Aponta assim cinco momentos de ruptura: o primeiro seria a própria fundação da Associação, em 1934 – mas sobre isso já traçamos algumas palavras quando falávamos sobre suas origens; o segundo momento vem com o estatuto de 1936, onde o entendimento do próprio Charlles é o de “uma fase difícil [...] onde os núcleos existentes eram dispersos e sem nenhuma articulação”¹²; o segundo momento se estende até 1945, quando a AGB estabelece mais um estatuto, apontando para a difusão da Associação por todo o país e o anseio de interlocução e atividade junto às diversas esferas do poder público; um novo estatuto é aprovado em 1970, marcando o quarto momento da periodização proposta por Charlles e a permeabilidade da AGB Brasil afora; a última reforma estatutária avaliada na tese é a de 1979, e a esta são dedicadas longas e apaixonadas páginas, onde se encontraria a pedra fundamental da tese, não fosse essa apenas uma retomada de seu trabalho de pesquisa com sete anos de intervalo. Sobre a reforma estatutária de 1979, bem como a leitura de Charlles sobre a mesma, algumas coisas devem ser avaliadas mais verticalmente.

Na direção contrária de sua negação aos paradigmas alardeados por Thomas Kuhn, Charlles trata essa ruptura na AGB como uma mudança de paradigma na ciência geográfica brasileira. O que se passa no período anterior à reforma do estatuto é um movimento, encabeçado por professores secundaristas e pelo movimento estudantil, objetivando uma democratização da Associação – ou seja, maior representação dos sócios nas decisões dos rumos da AGB – bem como um maior engajamento político, haja visto o contexto de ditadura militar no período. Charlles aponta, de maneira bastante exaustiva, o complexo de relações e

⁹ ANTUNES, C. F. *Os Estudantes e a Construção da Geografia Brasileira: um encontro nos Encontros Nacionais de Estudantes de Geografia*. Dissertação de Mestrado. Niterói : UFF, 2001.

¹⁰ ANTUNES, C. F. ; SOUSA NETO, M. F. 2008.

¹¹ ANTUNES, C. F. 2008, p. 293.

¹² ANTUNES, C. F. 2008, p. 294.

Building the way

pressões que atuam neste processo de renascimento da Associação. Para de escrever, porém, quando o novo estatuto está pronto, deixando a legitimidade de uma nova existência da AGB ao texto redigido neste processo de reforma. Quais as novas formas de relação da Associação com o poder público e de que maneira essa democratização AGBeana operou no cotidiano das seções locais, não podemos saber através de sua tese.

Terminamos essa leitura com o delineamento do ineditismo proposto por Charlles, dado pela periodização da história da AGB através de suas reformas estatutárias, algo não apontado por seus colegas de profissão que indicavam periodizações baseadas em contínuos de pensamentos hegemônicos de alguma escola geográfica; de domínio de alguma política acadêmica ou mesmo de reposição de gerações e suas perspectivas sobre os rumos da associação.

Ficamos enfim sem entender de fato qual o eixo que delineou o trabalho de Charlles. São deslizes basallianos ao negar Thomas Kuhn e enviar o mercantilismo; é uma proposta de paradigma quando está atuando uma rede de atores; afirma-se a influência política imediatamente antes de se posicionar favorável à discussão internalista; há uma miríade de pressões quando se firma o ponto final.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ANTUNES, Charlles da França. *A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações*: notas de uma história. Tese de Doutorado. Niterói : UFF, 2008.

ANTUNES, C. F. ; SOUSA NETO, M. F. . *Os Estudantes, a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e Movimento de Renovação da Geografia Crítica da Geografia Brasileira*. Boletim Paulista de Geografia, v. 88, p. 73-88, 2008.

ANTUNES, C. F. ; SOUSA NETO, M. F. *O Bom da História*: reflexões sobre a escola em movimento estudantil. Revista Fluminense de Geografia, Rio de Janeiro, v. 01, p. 11-20, 2002.

BASALLA, George. *The spread of western science*. In: Science, 156, maio de 1967.

CAPEL, Horacio. *Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas Cientificas*. In: Geocrítica, nº 84, Universidad de Barcelona: 1989.

HEIDEMANN, H. D. ; IUMATTI, P. ; SEABRA, M. (org.). *Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo : AGB : IEB : Edusp, 2008.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 4ª edição. São Paulo : Perspectiva, 1996.

Building the way

LAMEGO, Mariana. *Dos propósitos e modos de se escrever histórias*. In: Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 2 | 2013.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo : EdUNESP, 2000.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e Fragmentação – Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre-Docência. São Paulo : USP, 2004.